Os escandinavos, as rotas de peregrinação no Ocidente e Oriente e as *Cruzadas* (sécs. XI-XII)

The Scandinavians, the pilgrimage routes in East and West and the *Crusades* (XI-XII centuries)

Renan Marques Birro[*]
Universidade Federal do Amapá

Resumo

Este trabalho expôs algumas narrativas de peregrinos e cruzados nortenhos em direção aos principais santuários da Cristandade entre os séculos XI e XII. Meu objetivo foi enfatizar o precoce e intenso envolvimento escandinavo nestes fenômenos religiosos usando os conceitos de *identidade*, *cruzada*, *peregrinação* e *liminaridade*.

Palavras-chave: Peregrinação; Cruzadas; Escandinávia; Rotas; Idade Média.

Abstract

This work exposed some narratives on northern pilgrims and crusades travelling to the main sanctuaries of Christianity in XIth-XIIth centuries. My purpose was emphasize the early and intense scandinavian involvement in these religious phenomenas following the concepts of *identity*, *peregrination*, *crusades* and *liminarity*.

Keywords: Peregrination; Crusades; Scandinavia; Routes; Middle Ages.

● **Enviado em: 15/05/2015**
● **Aprovado em: 15/07/2015**

[*] Professor Assistente de História Medieval da Universidade Federal do Amapá e Professor Colaborador do Curso de Especialização em História Antiga e Medieval da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo e mestre em História pela Universidade Federal Fluminense; Coordenador do /UNIFAP e pesquisador do LATHIMM/USP, Brathair/EUMA e Leitorado Antiguo/UPE. Email: rbirro@usp.br

A peregrinação é um fenômeno universal praticado da Antiguidade à contemporaneidade. A peregrinação – ou jornadas para locais sagrados – foi importante no mundo Clássico, na América pré-Colombiana, e nas religiões pagãs da Britania, Irlanda e do mundo escandinavo[1].

Porém, tal noção só foi desenvolvida de forma institucional pelas maiores religiões históricas (budismo, cristianismo, hinduísmo, islamismo e judaísmo) como um importante elemento da crença. De maneira quantitativa e qualitativa, a peregrinação tem sido menos trabalhada pelos historiadores e cientistas sociais do que outras perspectivas religiosas[2].

O princípio fundamental da peregrinação tem suas raízes nas pesquisas etnológicas de Arnold Van Gennep na obra *Rites de passage* (1909). Para o erudito francês, o rito de transição ocorre em três etapas, a saber, a separação, a margem (ou limen) e a agregação. A primeira envolve a conduta simbólica de desligamento com um indivíduo ou um grupo, a partir de um ponto fixo da estrutura social ou de uma condição cultural relativamente estável[3].

Na segunda etapa, o status do sujeito ritual ("passageiro" ou "liminar") torna-se ambíguo, um intervalo entre os atributos do passado e do vir a ser; Por fim, a terceira fase consuma a passagem, e o objeto retorna a classificação secular ou mundana da vida social, seja ele um indivíduo ou grupo[4].

Portanto, a identificação da *liminaridade* por Van Gennep foi fundamental para tornar explícita a dimensão transformativa do social. Em suma, ele pavimentou os caminhos para os futuros estudos de todos os processos espaço-temporais de mudança individual ou social. A liminaridade tem sido aplicada nos estudos sociais a todas as fases de decisiva mudança cultural, na qual as ordenações prévias de pensamento e comportamento são objeto de revisão e crítica, e que novas formas de relação social e de pensamento são possíveis e desejáveis[5].

A liminaridade está presente na peregrinação pois

1 ROSS, Deborah. Introduction *In*: TURNER, Edith & TURNER, Victor. *Image and Peregrination in christian culture*. 2.ed. New York: Columbia University Press, 2011, p. xix.

2 TURNER, Victor. Pilgrimage as a Liminoid Phenomenon *In*: TURNER, Edith & TURNER, Victor. *Image and Peregrination in christian culture*. 2.ed. New York: Columbia University Press, 2011, p. 1-2.

3 VAN GENNEP, Arnold. Los ritos de iniciación *In*: Id. *Los ritos de paso*. Madrid: Alianza Editorial, 2008, p. 99-164. Apesar desta perspectiva de trabalho ser muito utilizada no exterior, este autor não é muito trabalhado no Brasil. Essa ferramenta teórica de análise foi difundida no Brasil em: TURNER, Victor. Betwixt and Between: the liminal period in Rites de Passage *In*: LESSA, William A. & VOGT, Evon Z (eds.). *Reader in Comparative Religion*: an Anthropological Approach. New York: Harper & Row, 1972, p. 338-347.

4 VAN GENNEP, *op. cit.*, p. 165-229, nota 4.

5 TURNER, *op. cit.,* p. 2-3, nota 3.

> os cristãos eram verdadeiros *peregrini* – no sentido original da palavra – "estrangeiros" ou "forasteiros" em meio a uma sociedade hostil, peregrinos espirituais entre a terra e o paraíso, entre o nascimento físico no mundo e o renascimento espiritual em direção a vida eterna[6].

Como esboçado outrora, um aspecto fundamental compartilhado pelo espírito das cruzadas e pela devoção santoral é o ato peregrinacional. Tal atitude, tomada de maneira geral como penitência, tornou-se um fenômeno cotidiano durante a Idade Média: da romaria até o santuário do santo local ou a visita à Terra Santa, uma série de rotas e itinerários possíveis estabeleceu trajetos que não respeitavam as fronteiras dos reinos e principados[7].

O historiador inglês Jonathan Riley-Smith conseguiu demonstrar com maestria como a peregrinação, pacífica ou militar, era perigosa e extenuante. Muitas vezes o peregrino retornava mais pobre ou debilitado do que no momento da partida, uma vez que estava exposto aos altos preços das viagens, alimentação e hospedagem, aos assaltos e aos desastres naturais, entre muitas outras possibilidades de exações fiscais[8].

Sendo assim, a os eruditos debateram e ainda debatem intensamente sobre o tema, sobretudo para entender quais eram as razões que levavam aqueles homens a empreender viagens para expurgos dos erros ou para obtenção de dádivas divinas. Talvez um dos aspectos mais notáveis dessa mobilização da cristandade foi "fazer da peregrinação uma penitência, um ato devocional, requerendo um estado mental que é tradicionalmente oposto do espectro ao qual o guerreiro faz parte"[9].

Ademais, à revelia dos peregrinos pacíficos, os cruzados tencionavam a guerra como parte integral de seu exercício penitencial. Tal ato foi descrito como uma expressão de amor por seus irmãos cristãos, um ato de verdadeira oblação. "Apesar desses ornamentos *flamboyants*, a cruzada é tanto um ato devocional quanto uma atividade militar, e a noção de uma guerra devocional sugere uma forma de serviço militar que pode ser comparado a rezar uma prece"[10].

As cruzadas no Leste ainda apresentam delineações específicas quando comparadas às demais, sobretudo na Palestina e na Península Ibérica. Eric Christiansen considerou esse

---

6 WEBB, Diana. Medieval Pilgrimage: an outline *In*: Id. *Medieval European Pilgrimage, c.700-c.1500*. New York: Palgrave, 2002, p. 2-3.

7 FRANCE, John. The papal monarchy and the invention of the crusade *In*: Id. *The Crusades and the expansion of Catholic Christendom, 1000-1714*. London: Blackwell, 2005, p. 47-48.

8 RYLEY-SMITH, Jonathan. The State of Mind of Crusaders to the East, 1095-1300 *In*: Id. The Oxford History of the Crusades. Oxford: Oxford University Press, 1999, p. 68-76.

9 RYLEY-SMITH, *op. cit.*, p. 76-77, nota 9.

10 *Ibid.*, p. 77-78.

empreendimento difícil de definir, uma vez que vários tipos de conflitos foram conduzidos em nome da Cristandade[11].

Portanto, essas expedições militares e religiosas nasceram como aventura política de clérigos e guerreiros que se preocupavam com a "defesa da fé" num momento em que o papa e o Imperador, os defensores naturais do Cristianismo, encontravam-se em guerra um contra o outro[12].

A diferença mais notável das *Cruzadas Bálticas* em relação às demais foi o emprego sistemático da força na conversão dos pagãos, sobretudo após a carta de apoio do abade Bernardo de Clairvaux em 1147. Essa forma violenta de obediência à fé cristã foi copiada em outros lugares quando os meios pacíficos de conversão não alcançavam os resultados desejados[13].

O escopo dessa dificuldade ocorria por duas razões: 1) as identidades diferenciadas entre cristãos e não-cristãos, 2) as identidades diferenciadas entre cristãos. A noção de *identidade* empregada nesse trabalho segue a proposta de İrvin Cemil Schick:

> A identidade é o socialmente construído, socialmente sancionado (ou ao menos reconhecido) complexo de auto-significações derivadas da adesão individual de membros de certos coletivismos como classe, raça, gênero, sexualidade, geração, região, etnicidade e nação. Alguém pode agir conforme certos posicionamentos e de acordo com certas visões de mundo ou padrões de valores, interpretando dados com a ajuda de certos parâmetros - todos estes aspectos profundamente enraizados na identidade. A identidade nunca é "completa" [...] está sempre em construção. Para tornar o enunciado mais explícito, a identidade não é um objeto, mas um processo[14].

Ademais, como o próprio autor afirmou, os tempos de crise ou transição são sempre períodos de intensa construção de identidades. Sendo assim, a identidade como uma construção ou a representação de própria identidade ou de outrem é, de fato, sua própria construção. Porém, a construção da identidade é inseparável da alteridade, uma vez que a identidade só alcança seu valor em justaposição com a alteridade[15].

---

11 CHRISTIANSEN, Eric. The wendish crusade in theory and practice *In*: Id. *The Northern Crusades*. London: Penguin, 1997, p. 50-51.

12 *Id*.

13 BEREND, Nora. Christians and non-christians *In*: Id. *At the gate of Christendom*: Jews, Muslims and 'Pagans' in Medieval Hungary, c.1000-c.1300. Cambridge: Cambridge University Press, 2001, p. 47; CLASTER, Jill N. From the Reign of Baldwin II to the End of the Second Crusade *In*: Id. *Sacred Violence*: The European Crusades to the Middle East, 1095-1396. Toronto: University of Toronto Press, 2009, p. 151-152.

14 SCHICK, Írvin Cemil. Constructing Self and World *In*: Id. *The Erotic Margin*: Sexuality and Spatiality in Alteritist Discourse. London: New Left, 1999, p. 19.

15 *Ibid*., 19-21.

No bojo da questão, o precoce envolvimento de peregrinos escandinavos merece uma profunda reflexão. Anders Winroth, ao comentar recentemente o processo de conversão da Escandinávia, enfatizou que a principal motivação dos reis e nobres da Noruega para converter seus conterrâneos à fé cristã não era para salvaguardar as almas alheias, mas para utilizar as relações estabelecidas pela Igreja como reforço nas lealdades políticas[16].

Ademais, o processo de conversão foi lento e moroso, não-linear e de dimensão geográfica localizada. Os depoimentos eclesiásticos de súbita e completa mudança são tentativas de ênfase nas virtudes santorais, na direta intervenção divina e na qualidade excepcional dos missionários. Portanto, a conversão é um assunto muito mais complexo do que a descrição dos narradores medievais, "em muitos tons de cinza"[17].

Deste modo, a rápida inserção escandinava em peregrinações e no movimento cruzadístico coloca parcialmente em xeque a primeira proposta de Winroth, i.e., a aceitação da mensagem de Cristo por interesses alheios à religião. Ademais, o prejuízo financeiro e político causado pelos deslocamentos salientado por Riley-Smith reforça a invalidez desta ideia de maneira mais ampla.

Para tentar elucidar estes pontos, quem são esses peregrinos e cruzados e quais são suas motivações?

***

O processo de cristianização do Norte da atual Europa teve início no final século VIII e foi responsável por profundas mudanças sociais, econômicas, religiosas e mentais nos reinos dinamarquês, norueguês e sueco, além de várias ilhas visitadas e ocupadas pelos homens do Norte enquanto eles ainda eram pagãos, como as Faroes, as Orkney, a Ilha de Man e a Islândia[18].

No entanto, essas alterações intensas foram observadas com ressalva pelo restante do Ocidente medieval. Tal circunstância levou William de Malmesbury (c.1095-1143) – um dos grandes eruditos de seu tempo – a propor a seguinte questão em seus escritos: "por qual

16 WINROTH, Anders. Writing Conversion *In*: Id. *The conversion of Scandinavia*: Vikings, merchants, and missionaries in the remaking of Northern Europe. London: Yale University Press, 2012, posição 2664 (Kindle version).

17 *Ibid*., posição 2686.

18 BIRRO, R. M. Uma contextualização histórica: os primeiros séculos *In*: Id. *Uma história da guerra viking*. Vitória: DLL-UFES, 2011, p. 15-40.

razão chamarei de cristãos aqueles bárbaros que vivem como bestas nas ilhas remotas do oceano congelado?"[19].

A dúvida acima, atribuída ao papa Urbano II (c.1035-1099) no contexto das *Cruzadas*, demonstra a desconfiança quanto à conversão dos homens do Norte ainda no século XII. É improvável que o vigário de Pedro tenha proferido essas palavras, mas a sentença é um indício da impressão que os eclesiásticos e homens de letras tinham das regiões fronteiriças da Cristandade, *i.e*., o Leste, a região Setentrional e a franja celta. Em suma, os cristianizados dessas regiões foram considerados como pagãos ou *semi-pagãos* pelos habitantes do Sul[20].

Nota-se, assim, a existência de níveis entre os cristãos. Os depoentes de alguns reinos consideravam-se mais devotos do que outros, medida que aproximava fieis que estavam envolvidos em conflitos políticos, religiosos e econômicos. Os homens que viviam nas plagas ao Norte do Ocidente medieval foram, assim, lançados numa subcategoria (ou periferia) da Cristandade, pois eram considerados seguidores imperfeitos da mensagem divina. Dentre os grupos em constante contato, eles superavam apenas os pagãos e infieis (judeus, muçulmanos, etc).

A dúvida em questão, a saber, os conceitos de conversão e cristianização, do compromisso com a nova fé dos recém-convertidos enquanto indivíduos ou grupos e, por fim, a formação de recortes temporais de acordo com os "estágios" de profundidade religiosa, gera debates acalorados e posições antagônicas na academia, em certa medida impossíveis de sintetizar nesta breve exposição[21].

Seja como for, o receio que a Cristandade nutria pelos *norðmann* talvez fosse fruto da precária estrutura clerical e eclesiástica dos reinos setentrionais. Ao tomar a Noruega como parâmetro, foi possível observar que o esforço cristianizador que grassou o reino no século XI

19 WILLIAM DE MALMESBURY. *De gentis regum anglorum*, Libri V. Todos os textos originais deste artigo foram removidos para comprimir a versão final.

20 BARTLETT, Robert. *Gerald of Wales*: a voice of Middle Ages. Oxford: Oxford University Press, 1982, p. 268-270; ANTONSSON, Haki. The hagiographic context *In*: Id. *St Magnús of Orkney*. London: Brill, 2007, p. 30-31. Curiosamente certos indícios de sincretismo religioso foram identificados no Norte inglês durante uma parcela significativa de tempo, ainda presentes no tempo de William de Malmesbury. Para mais informações, ver: BIRRO, R. M. Siward da Northumbria (†1055) e a Batalha dos sete dormentes (c.1054), *Brathair* 11(1), 2011, p. 1-18 (no prelo). www.brathair.com.

21 BEREND, Nora (ed.). *Christianization and the Rise of Christian Monarchy*: Scandinavia, Central Europe and Rus' c.900-1200. Cambridge: Cambridge University Press, 2007; CUSACK, Carole M. Christianity in the North *In*: Id. *The rise of Christianity in northern Europe, 300-1000*. London: Cassell, 1998, p. 135-156; RUSSELL, James C. *The Germanization of Early Medieval Christianity*. Oxford: Oxford University Press, 1994; SHARPE, Eric. John. Salvation, Germanic and Christian *In*: BRANDON, Samuel George Frederick et alli (ed.). *Man and his salvation*: studies in memory of S. G. F. Brandon. Manchester: Manchester University Press, 1973, p. 243-261; SIMEK, Rudolf. Germanic Religion and the Conversion to Christianity *In*: MURDOCH, Brian & READ, Malcolm (eds.). *Early Germanic Literature and Culture*. Vol. 1. Rochester: Camden House, 2004, p. 73-101.

não foi suficiente para promover a introspecção da religião cristã por parte destes novos fieis[22].

Sendo assim, a inexistência de uma diocese permanente, a presença de missionários incapazes de apregoar no idioma local e a dificuldade para entronizar as noções abstratas do cristianismo no aparelho mental religioso dos indivíduos permitiram situações de hibridismo e simplificação religiosa que permaneceram por longa data[23].

Todavia, é possível identificar alguns homens que fugiam do senso comum da época e que foram capazes de absorver as complexidades da fé cristã. O caso de Sighvatr Þórðarson, por exemplo, é sintomático. Nascido na Islândia em c. 995, ele cresceu em Apavatn, a Noroeste de Skálholt.

Conforme uma lenda local mencionada por Snorri Sturlusson (c.1178-1241), Sighvatr ingeriu um peixe – etapa liminar – que o transformou num sábio e engenhoso poeta, pois era capaz de falar em versos mesmo durante conversas ordinárias. Antes da ingestão, o jovem transparecia certa demência ou dificuldade locucional[24].

Apesar de suas pretensas habilidades, a entrada de Sighvatr para o séquito real foi dificultada de início. Porém, após declamar uma estrofe habilidosamente para o rei Óláfr Haraldsson (c.995-1030), Sighvatr recebeu um anel de ouro e tornou-se um *skaldr* real[25].

O poeta passou a compor o séquito real como um *hirdskaldr*[26], *i.e*., um poeta cortesão. Após fazer parte da seleta comitiva régia norueguesa, o islandês lutou ao lado do rei na *Batalha de Nesjar* (c.1015), na qual confrontaram e derrotaram uma aliança de poderosos rivais liderados pelo *jarl* Svein Hákonsson (†c.1015). Este conflito inspirou Sighvatr Þórðarson a compor a *Nesjavísur* para honrar e eternizar a vitória empreendida por seu rei. O poema em questão foi um dos primeiros atribuídos a Sighvatr em homenagem a Óláfr[27].

---

22 NORDEIDE, Sæbjørg Walaker. *Christianization of Norway*. Conferência. Université de Paris 1 et Paris 10. Disponível em https://bora.uib.no/handle/1956/3259 Acesso em 4 fev 12; ORRMAN, Eljas. Church and Society *In*: HELLE, Knut (org.). *The Cambridge History of Scandinavia*. Cambridge: Cambridge University Press,2003, p. 440-463; WILLSON, Thomas B. Church organization in the earliest times *In*: Id. *History of the church and state in Norway*. Westminster: Archbald Constable, 1903, p. 117-131.

23 BIRRO, R. M. A cristianização da Noruega a partir da poesia escáldica do século XI. Comunicação *In*: CANDIDO, Maria Regina et alli (orgs.). *II Congresso Internacional de Religião, Mito e Magia no Mundo Antigo*. Rio de Janeiro: UERJ/NEA/CEHAM, 2012; BIRRO, R. M. Rex bellator, regis populi, rex sacrorum: A sacralidade pagã da realeza germano-escandinava, *Revista Plêthos* (1), v. 1, 2011, p. 125-144.

24 ROSS, Margaret Clunies. From Iceland to Norway: Essential Rites of Passage for an Early Icelandic Skald, *Alvíssmál*, 9 (1999), 55-72. userpage.fu-berlin.de/~alvismal

25 JESCH, Judith. Poetry in the Viking Age *In*: BRINK, Stefan (ed.). *The Viking World*. London: Routledge, 2008, p. 291-299.

26 *Id*.

27 HOLMAN, Katherine. Sighvatr Þórðarson (d. c. 1043) *In*: Id. *Historical Dictionary of the Vikings. Historical Dictionaries of Ancient Civilizations and Historical Eras*, No. 11. Oxford: Scarecrow Press, 2003, p. 244.

As composições de Sighvatr legadas à posteridade – cerca de 160 estrofes – registram poucos *kennings* com referências deíficas pagãs, em contraposição a produção de outros poetas daquele tempo. Sighvatr demonstrou na *Austrfararvísur* (*Versos da Jornada para o Leste*, c.1020), poema que registrou sua missão "diplomática" para o Leste, a objeção aos praticantes das antigas crenças ao ter sua entrada negada em Hof, localidade a caminho da corte do *jarl* sueco Rögnvald.

Outrossim, ele foi o autor do único depoimento sobre o primeiro milagre promovido por Óláfr Haraldsson pouco após a sua morte:

> Homens disseram "não é um pequeno milagre" quando o sol sem nuvens não pode *aquecer* [lit. "abrigar"] os cavalos-*Njörðungar* [guerreiros]; um poderoso sinal a respeito do rei aconteceu naquele dia; o dia não empreendeu uma cor justa; Eu ouvi o resultado da batalha no Leste[28].

Sighvatr provavelmente conhecia as tradições cristãs do eclipse e do reconhecimento divino de uma morte desonrada anglo-saxã[29]. O poeta, que cumpria uma peregrinação em Roma em 1027, não acompanhou o exílio do rei e chegou pouco depois de sua morte à Noruega.

A viagem devocional deste poeta, por sua vez, chama atenção por outra razão: ele foi acompanhado por Knútr *inn ríki* (c.985-1035), rei da Dinamarca, Inglaterra e partes da Suécia. O monarca aproveitou a coroação do imperador Conrado II (c.990-1039) para, além da motivação piedosa, ser aceito na "fraternidade dos reis Cristãos"[30].

Desse modo, é possível supor que Knútr ainda estivesse às margens dos monarcas reconhecidos. Uma entrevista direta com os demais príncipes, inclusive o Vigário de Pedro, era essencial para que ele fosse plenamente incorporado ao conjunto de soberanos da Cristandade. Até então desligado deste corpo, o rei dinamarquês encarou duplamente a função de "passageiro" ("ou liminar"), a partir da religião e da opinião de seus colegas de ofício.

A ocasião permitiu inclusive a consolidação de tratados com consequências econômico-religiosas, pois os enclaves impostos pelos oficiais imperiais e do reino burgúndio aos peregrinos e comerciantes dinamarqueses foram provavelmente suavizados:

---

28 SIGHVATR ÞÓRÐARSON. *Érfidrapa Óláfs Helga*, est. 15.

29 CORMACK, Margareth. Murder and martyrs in Anglo-Saxon England *In*: Id (ed.). *Sacrificing the Self*: perspectives on Martyrdom and Religion. Oxford: Oxford University Press, 2002, p. 58-67.

30 HUDSON, Benjamin. From Dublin to England and Norway *In*: Id. *Viking pirates and christian princes*: dynasty, religion, and empre in the North Atlantic. Oxford: Oxford University Press, 2005, p. 115.

> Eu então dirijo meus mais humildes agradecimentos ao Deus todo poderoso por me propiciar em vida a visita ao santuário de seus apóstolos, são Pedro e são Paulo, e a todos os outros que eu pude encontrar dentro ou fora da cidade de Roma, e que eu pessoalmente venerei reverente de acordo com o meu desejo [...] Eu falei pessoalmente com o imperador, com o senhor papa, além dos príncipes que estavam comigo, a favor das vontades do meu povo, ingleses e dinamarqueses [...] O imperador aceitou as minhas demandas, assim como o rei Rodolfo [da Burgúndia], uma vez que estas barreiras permaneciam em seus domínios. E todos os príncipes fizeram editos ao meu povo, aos mercadores e àqueles que vão pagar suas devoções, afirmando que deveriam dirigir-se a Roma em paz, sob a segurança de leis justas, livres de molestações dos guardas de barreiras ou dos recebedores de pedágios[31].

Ao que tudo indica, Knútr fez valer suas intenções e foi plenamente aceito pelo papa, pelo imperador e pelos demais reis presentes. Ademais, seus propósitos foram cruciais para abrir as portas da Cidade Eterna e da Terra Santa aos escandinavos, que passaram a lograr mais e mais das benesses obtidas neste acordo principesco.

Aparentemente a peregrinação para Roma exigia menos dos romeiros, embora os assaltantes, os obstáculos geográficos e as cobranças de taxas abusivas fossem grandes desafios. Outra opção era o Leste, que tinha em Constantinopla e Jerusalém como principais sítios daqueles que desejavam expiar seus pecados ou ter um contato mais íntimo com os mistérios da fé cristã.

Porém, essa rota era mais longa e perigosa, e não foi nem mesmo mencionada no *Leiðarvísir ok borgaskipan* (*Itinerarium e lista de cidades*, c.1154-1159) de Nikulás Bergsson (ou Bergþórsson) de Munkaþverá (†c.1160), um *itinerarium* islandês medieval[32].

De fato, alguns escandinavos destacaram-se ao adotar a segunda via peregrinacional. O caso mais antigo registrado é a viagem de dois islandeses, Þorvaldr Koðránsson e Stefnir Þorgilsson. Conforme a *Kristni saga* (c.1250-1284), "Eles viajaram juntos para longe, todo caminho até Jerusalém, e de lá para Miklagarðr [Constantinopla]. E então tomaram o caminho do Kœnugard oriental pela via do Dnieper"[33].

Porém, talvez Haraldr, *o severo* (Haraldr *harðráði*, c.1015-1066), famoso rei norueguês da *Batalha de Stamford Bridge* (1066), seja talvez o mais conhecido desses visitantes. Irmão de Óláfr Haraldsson, ele fugiu da Noruega assim que o irmão caiu na *Batalha de Stiklastaðir* (1030) para salvaguardar sua vida.

Após passar alguns anos como capitão da guarda do príncipe de Kiev, Yaroslav, *o sábio* (c.978-1054), Haraldr chegou em Constantinopla em 1034 com uma força de 500 homens e

31 FLORENTII WIGORNIENSIS. *Chronicon ex chronicis*, 1031.
32 NIKULÁS BERGSSON. Landafrædi *In*: KÅKUND, K. *Alfraedi Íslenzk.* Vol. 1. København: Møllers Bogtrykkeri, 1908, p. 3-31.
33 *Kristni saga*, 13.

colocou-se à disposição do imperador. O objetivo do norueguês era servir na guarda varangiana, unidade militar do império oriental formada por soldados de elite de origem escandinava[34].

O líder do Norte empreendeu várias atividades militares nesta função, e atuou na Palestina, Sicília, Ásia Menor, nos Balcãs e em outros lugares. Fontes gregas, latinas e escandinavas mencionam seu nome e seus sucessos no Leste. Haraldr permaneceu dez anos a serviço do imperador, e foi recompensado com uma fortuna em ouro[35].

É provável que a permanência do futuro rei no Oriente tenha fomentado uma influência considerável em suas noções de como governar e na relação com a Igreja[36]. Outrossim, há fortes indícios de que ele conheceu a Palestina ao dirigir-se às campanhas imperais na Sicília (1036-1040)[37]. De acordo com a saga homônima,

> Então ele foi até o Rio Jordão e banhou-se nele, como era costumeiro aos outros peregrinos. Haraldr deu muitos presentes ao Santo Sepulcro, assim como a santa Cruz e a outros locais sagrados em Jerusalém. Ele perscrutou todo caminho do Rio Jordão em paz e exterminou ladrões e perturbadores da paz[38].

Em suma, toda experiência de Haraldr *harðráði* presente na narrativa tradicional pode ser descrita no âmbito da *liminaridade*. Inicialmente ele foi demovido de seus direitos ao trono norueguês na derrota do irmão em *Stiklastaðir* (separação). Após passar anos no estrangeiro em provações belígeras e de liderança, ele alcançou o respeito do imperador e grande estima de seus seguidores (margem).

O batismo, assim, seria uma espécie de corolário após o êxodo do lar. Em seguida, Haraldr *harðráði* retornou à Noruega para reclamar e dividir o trono com seu sobrinho, Magnús, filho de Óláfr Haraldsson. Logo, ao banhar-se no Jordão (como Cristo na mensagem bíblica), o *Severo* foi não apenas integrado à fé, mas também agregado ao grupo ao qual pertencia.

---

34 CIGGAAR, Krijna Nelly. The Northern Countries *In*: Id. *Western Travellers to Constantinople*: The West and Byzantium, 962-1204: Cultural and Political Relations. Leiden: Brill, 1996, p. 103-109; BIBIKOV, Mikhail. Byzantine sources for the history of Balticum and Scandinavia *In*: VOLT, Ivo & PÄLL, Janika (eds.). *Byzantino-Nordica*: Papers presented at the international symposium of Byzantine studies held on 7–11 May 2004 in Tartu, Estonia. Tartu: Tartu University Press, 2005, p. 20-21.

35 CIGGAAR, *op. cit.*, p. 109-111, nota 35.

36 DeVRIES, Kelly. Haraldr Harðráði *In*: Id. *The Norwegian invasion of England in 1066*. Woodbridge: Boydell, 1999, p. 30-31.

37 Apenas as fontes nórdicas atestam a visita de Haraldr a Jerusalém, enquanto as fontes gregas sugerem que ele dirigiu-se à Sicília pelo Mar Negro (BLÖNDAL, Sifgus & BENEDIKZ, Benedikt. Haraldr Sigurdarson and his period as a Varangian in Constantinople, 1034-1043 *In*: _____. *The Varangians of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, p. 54-101).

38 *Haralds saga Sigurðarsonar*, 12.

Outro famoso visitante norueguês na Terra Santa foi Sigurðr *Jórsalafari* (Sigurd, *o cruzado* ou ainda Sigurd, *o viajante de Jerusalém*, c.1090-1130). Assim como Haraldr, ele se tornou rei da Noruega e foi o primeiro rei da Cristandade a dirigir-se para a Terra santa após a convocação do papa Urbano II[39].

Uma flotilha sob comando régio partiu da Noruega em 1107, e invernou na corte de Henrique I da Inglaterra. No verão do ano seguinte, Sigurðr seguiu para o continente, com o intuito de contornar a Península Ibérica até o Mediterrâneo. Eles encontraram e derrotaram outras frotas muçulmanas que aportavam próximo a *Jakobsland* (Santigo de Compostela) na Galícia e Sintra (atual Portugal) [40].

Em seguida, ao adentrar ao cruzar o *Norfasund* (Estreito de Gibraltar), os nórdicos seguiram para as ilhas Baleares. Até então a região era conhecida como um centro de escravos e um reduto de piratas muçulmanos. Eles atacaram com sucesso as ilhas de Formentera, Ibiza e Minorca, e obtiveram grandes riquezas. Porém, deixaram incólume a ilha maior, Mallorca, um centro fortificado de um reino taifa independente[41].

Após essas atividades militares, o rei norueguês e sua frota partiram para a Palestina, mas realizaram uma pequena parada na *Sikileyjar* (Sicília) para conhecer o governante local, duque Rogério II, que então dispunha de doze (ou treze) anos de idade[42].

No verão do ano seguinte (1110), Sigurðr chegou à Terra Santa, em *Akrsborg* (Acre) ou em Jaffa. Para Fulcher (ou Fulchério) de Chartres, aqueles homens "foram despertos dos mares ocidentais por Deus, para peregrinação a Jerusalém", e Sigurðr era "um jovem e de bela feição, rei das terras daqueles germânicos"[43].

Ele foi gentilmente recebido pelo rei cruzado Balduíno I, que o levou até o Rio Jordão para ser banhado e o presenteou com várias relíquias, inclusive uma lasca da santa cruz, que deveria ser guardada no santuário de santo Olavo[44]. Assim como Haraldr, *o severo*, Sigurðr passou pela etapa fundamental de agregação dos peregrinos, ou seja, o banho no Jordão, que pode ser interpretado como uma reintegração à comunidade cristã. As relíquias seriam provas da conclusão da missão para quando ele retornasse ao reino norueguês.

---

39 DOXEY, Gary B. Norwegian Crusaders and the Balearic Islands, *Scandinavian Studies* 68 (2), 1996, p. 139-160.

40 PURKIS, William J. Pilgrimage, Mimesis and the Holy land, 1095-c.1110 *In*: Id. *Crusading Spirituality in the Holy Land and Iberia, c.1095-c.1187*. Woodbridge: Boydell, 2008, p. 67-68.

41 DOXEY, *op. cit.*, p. 139-160, nota 40.

42 HOUBEN, Hubert. Countess Adelaid as regent *In*: Id. *Roger II of Sicily*: A Ruler between East and West. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 27-28.

43 FULCHERI CARNOTENSIS. *Historia Hierosolymitana*, II, cap. XLIV, 1-2.

44 FULCHERI CARNOTENSIS. *Historia Hierosolymitana*, II, cap. XLIV, 3.

No âmbito da identidade e alteridade, o depoimento de Fulcher de Chartres é extramente pobre quando comparado aos detalhes sobre outros nobres cristãos na Palestina. Seria possível admitir que a parcimônia estava envolvida na desconfiança geral da Cristandade em relação aos habitantes do Norte, como no depoimento anterior de William de Malmesbury.

Deste modo, sugiro que Sigurðr passou pelos testes característicos da liminaridade para ser considerado apto para defender a fé cristã contra os infieis. Porém, diferente da recepção inicial de Knútr em Roma no século anterior, a "separação" do rei norueguês foi menos intensa, como comprova a recepção do rei Balduíno, a entrega de relíquias e o futuro envolvimento de Sigurðr no teatro de guerra da *Segunda Cruzada*.

O apoio militar marítimo oferecido pelo monarca nortenho foi crucial para a conquista de *Sætt* (Sidon) no mesmo ano, uma vez que a frota dispunha de aproximadamente cinco mil homens. Talvez este tenha sido o motivo para uma recepção mais amistosa e o arrefecimento da desconfiança em relação aos noruegueses nas *Cruzadas*. Após tomar este e outros locais, Sigurðr partiu para Constantinopla, onde foi recebido pelo próprio imperador Alexios I, que abriu os portões da cidade aos noruegueses[45].

Os homens do Norte permaneceram por longa data na cidade oriental, até que o rei decidisse pelo retorno. Este depoimento demonstra que o príncipe do reino do Norte encontrava-se completamente integrado aos cristãos sem maiores questionamentos e gozava de grande prestígio e crédito. Provavelmente a via marítima era uma péssima opção, pois os navios estavam muito avariados para prosseguir a viagem até a Noruega. Sendo assim, Sigurðr presenteou o imperador com seus vasos de guerra, e recebeu muitos cavalos como contrapartida. O rei e seus homens cruzaram o caminho do Leste, até alcançar a Dinamarca e de lá cruzarem o mar até a Noruega[46].

Outro interessante peregrino e cruzado foi Rögnvald Kalli Kolsson (c.1100-1158). Nascido em Jæren (ou Fjære) na Noruega, ele era filho de importantes proprietários rurais e ligado por linhagem matrilinear ao rei de sua terra. Em 1129 ele foi indicado ao posto de *jarl* das Orkney e das Shetland pelo rei Sigurðr *Jórsalafari*. Todavia, Paul Hakönsson, sobrinho de Rögnvald, assumiu o controle político das ilhas recusou-se a ceder o governo de seu tio[47].

---

45 PHILLIPS, Jonathan. Ongoing contact between the Latin East and the West *In*: Id. *The second crusade. Extending the Frontiers of Christendom*. Yale: Yale University Press, 2007, p. 10-12.

46 UNGER, Richard W. The Northern Crusaders: the logistics of English and other Northern Crusader fleets *In*: PYOR, John H (ed.). *Logistics of Warfare in the Age of the Crusades*. Burlington: Ashgate, 2002, p. 251-254.

47 FORTE, Angelo, ORAM, Richard & PEDERSEN, Frederik. Orkney and Shetland *In*: Id. *Viking Empires*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005, p. 265-297.

A querela familiar foi selada apenas no governo de Haraldr *gille*, monarca norueguês seguinte, que empreendeu uma viagem às Orkney em 1135 para depor o jovem súdito desobediente: Paul foi capturado e morto. Sendo assim, Rögnvald, que também participou da expedição, recebeu o governo das ilhas no ano seguinte[48].

Após assumir suas funções, o *jarl* mostrou-se bastante pio e ligado aos assuntos da fé: em 1137 ele iniciou a construção da catedral de são Magnús, seu predecessor no governo das Orkney. Além da matéria religiosa, o governo de Rögnvald também representou uma "fase de ouro" para a ilha nos aspectos econômicos e políticos[49].

Simpático ao chamado papal, o *jarl* assumiu os votos de cruzado em c.1150, quando desejava ir à Jerusalém e Contantinopla. Conforme a *Orkneyinga saga* (séc. XIII), Rögnvald

> contou seus planos: como ele desejava afastar-se de suas terras e dirigir-se à Jerusalém. Ele implorou ao bispo [William] que fosse com ele nesta viagem. O bispo já tinha vivido como um clérigo em Paris, e o *jarl* desejava acima de todas as coisas que ele fosse seu tradutor. Desse modo, o bispo prometeu ir com ele[50].

A comitiva logo agrupou outros interessados na empreitada, inclusive durante uma curta viagem à Noruega que precedeu ao caminho para o Leste. Assim, em 1153 "eles partiram das Orkney para o Sul, até a Escócia e dali para a Inglaterra, e navegaram pela Northúmbria até a foz do Humber" [51].

Após alcançar a França e enfrentar algumas dificuldades com um castelão da Galícia, a frota "alcançou aquela ampla porção da Hispania que pertencia aos pagãos, e ali obteve muitas riquezas"[52]. A presença deste nobre de alta linhagem no Continente fomentou ainda as primeiras trocas identificáveis entre a poesia cortesã corrente e a poesia escáldica, como nos elogios presentes no *Lausavísur* (*Estrofes laudatórias*, c.1150) em homenagem a Ermingerðr, viscondessa de Narbonne, como conseqüência de um grande banquete antes do ataque a um castelo na Galícia[53].

Após cruzar o estreito de Gibraltar, Rögnvald passou ainda pela Sardenha e Creta antes de chegar à Palestina. Ao alcançar Acre, a tropa foi acometida por uma doença, e muitos caíram doentes. Assim que enterraram seus mortos,

---

48 *Id*.
49 *Orkneyinga saga*, 72.
50 *Orkneyjnga saga*, 89.
51 *Orkneyjnga saga*, 90-92.
52 *Id*.
53 Um bom exemplo é o *kenning* "Hvít bar in hreina hlað-Nipt alindriptar vín"("a *norn* de tiara de antebraço de neve", i.e., a mulher de ouro [ou dourada] serviu o vinho"), *Lausavisur*, est. 17.

> o *jarl* Rögnvald e seus homens partiram de *Akrsborg* [Acre], e viram todos os lugares mais sagrados da Terra Santa. Todos eles foram até o Jordão e se banharam [...] Após a visita, eles viajaram para Jerusalém [...] e após aquele verão na Terra Santa, eles desejaram ir para o Norte, até *Miklegarðr* [Constantinopla][54].

Ao alcançar Constantinopla, eles foram recebidos pelo imperador com presentes e grandes honras, e foram convidados a permanecer. Assim que invernaram, "o *jarl* Rögnvald, o bispo William, Erlingr e todos os homens nobres de seu grupo [...] tomaram cavalos e rumaram primeiro para Roma, e então de Roma seguiram até a sua terra natal pelo caminho da Dinamarca, e de lá viajaram para o Norte, até a Noruega"[55].

Assim, quando retornou às Orkney, Rögnvald foi acometido por várias reviravoltas políticas: o rei Davi da Escócia havia escolhido Erlend Haraldsson como governante de Caithness, território outrora sob comando direto do *jarl* das ilhas. Após eliminar o rival, o cruzado foi morto em 1158 por partidários de Erlend e de Haraldr Maddadsson, filho de Paul Häkonsson[56].

O corpo de Rögnvald foi levado até Kirkwall e enterrado na catedral de são Magnús. Bastou pouco tempo para que milagres ocorressem em seu túmulo e na pedra onde faleceu. Como sinal de reconhecimento pela graça divina, o *jarl* peregrino foi aclamado como santo pelo papa Celestino III em 1192[57].

Como é possível notar, Rögnvald esteve envolvido em dois momentos de liminaridade: no contexto da Cruzada (a viagem, as provações, o banho no Jordão como conclusão da peregrinação, as peregrinações "menores" para Constantinopla e Roma) e no ato de morte e aclamação como santo.

Seria possível admitir que este nobre norueguês esteve envolvido num duplo ciclo de liminaridade histórico e/ou literário[58]: um menor, terreno, e outro maior, no plano santoral e espiritual. A libertação definitiva do *peregrini* ocorreu, assim, quando ele foi libertado da prisão do corpo para renascer em espírito junto de Cristo e de seus santos.

---

54 *Orkneyinga saga*, 93-96.
55 *Orkneyinga saga*, 97.
56 *Orkneyinga saga*, 98-117.
57 ANTONSSON, Háki. The Orkney's context *In*: Id. *St. Magnús of Orkney*: A scandinavian martyr-cult in context. Brill: 2007, p. 99-101.
58 Alguns eruditos colocam em dúvida a autenticidade do depoimento da *Orkneyinga saga*. Porém, eu adotei a postura de Timothy Bolton, a saber: "a maioria da história dos *jarls* das Orkney pode ser encontrada num único e altamente questionável texto do século XII, a *Orkneyinga saga*. O uso de sagas como fontes para esse período da história, especialmente quando lidam com assuntos fora da Escandinávia, é notoriamente cheia de problemas e erros, mas não podemos ignorá-las como fontes" (BOLTON, Timothy. Cnut and the Imperium of late Anglo-Saxon England *In*: Id. *The Empire of Cnut the Great*: Conquest and the Consolidation of Power in Northern Europe in the Early Eleventh Century. Leiden: Brill, 2008, p. 143).

Nesse ínterim, a noção de cruzada alcançou um grau tão elevado na segunda metade do século XII que os *skrælings* (esquimós) e a colonização da Groenlândia foram descritos em várias fontes com tons de guerra contra os infiéis pela defesa do cristianismo. Na supracitada ilha foram cobrados impostos para a Cruzada e os habitantes desta região remota tinham conhecimento do conflito que ocorria no Oriente Próximo[59].

Como afirmou Janus Møller Jensen, "Não há razão para assumir que o encontro cultural com os pagãos na Groenlândia ou na América do Norte no mesmo período foi percebido de maneira diferente do resto da Escandinávia, onde as ideias cruzadísticas tinham uma profunda influência"[60].

Por fim, a Terra Santa não era a única opção dos homens do Norte que desejavam aderir a cruz: ainda era possível tornar-se um guerreiro de Cristo nas cruzadas bálticas dos séculos XII e XIII.

Este conflito foi marcado por etapas. Os rivais na primeira fase do conflito foram os *wends*, também conhecidos como *abodrites* ou *serebi*, povos eslavos que viviam nas cercanias ou dentro da própria Germânia. No século IX, os abodrites eram organizados em estruturas tribais e clânicas e, apesar da semelhança entre a sociedade *wend* e os germânicos, eles não compartilhavam a mesma língua, deidades ou costumes. Graças a essas características, este povo foi amplamente empregado por Carlos Magno para a conquista da Saxônia e, em seguida, para fazer frente aos desejos expansionistas dinamarqueses do período[61].

Durante os séculos X ao XII, os *wends* empreenderam migrações e razias na Dinamarca e no Sacro Império. Os topônimos das ilhas em Sealand e na Escânia atestam à chegada dos eslavos na região. Foi preciso enfrentá-los em época enquanto invasores e convertê-los ao cristianismo. Portanto, a convocação para a II *Cruzada* (1145-1149) no Oriente Próximo foi estendida aos eslavos ocidentais conforme a bula papal *Divina dispensatione* (1147) [62].

O conflito foi marcado pelo uso irrestrito da violência, como demonstra o *Geisli* (*Raio de sol*, c. 1152) do poeta islandês Einarr Skúlason (c. 1090-1160):

> Eu soube que os Wends mutilaram o *galho* [língua] da *casa do som* [boca] no banco do rio, e eles cortaram-nas dolorosamente. Poesia foi feita: e o homem perdeu a sua fé há muito, pois horrivelmente cortaram o *remo da poesia* [língua] da boca do mais honrado distribuidor de riqueza.[63]

59 JENSEN, Janus Møller. Greenland and the Crusades *In*: Id. *Denmark and the Crusades, 1400-1650*. London: Brill, 2007, p. 165.
60 *Id*.
61 VLASTO, A. P. *Entry of Slavs Christendom*. Cambridge: Cambridge University Press, 1970, p. 142-143.
62 HYBEL, Nils & POULSEN, Björn. Human Resources *In*:Id. *The Danish resources, c.1000-1550*. London: Brill, 2007, p. 136-137;
63 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 40

> Então, o *corredor do ski das ondas* [o homem aleijado] foi ao santuário de Ólafr, ornamentado com a *morada do dragão* [ouro] (palavras vieram até mim); e o *santo príncipe*, aquele que *despertou a alegria do corvo*, deu ao homem a saúde do discurso; Eu sou a verdadeira prova disto[64].

Nos indícios escáldicos e no ofício divino do século XI, Ólafr foi apresentado como um mártir de Cristo, ou seja, que morreu em defesa da fé. Ao que tudo indica, o seu papel como cavaleiro de Deus foi ampliado ao contexto dos pagãos eslavos, uma vez que a cristianização da Noruega estava completa.

Como conseqüência da agressão, o homem afastou-se da fé. Nesta etapa, às margens dos demais cristãos – processo liminar para prova e intensificação da fé –, ele provavelmente se arrependeu e procurou a intervenção de santo Óláfr. Como recompensa, ele foi reintegrado ao corpo de Cristo: este santo ainda realizou um número significativo de milagres nos conflitos religiosos do Báltico e até mesmo no Oriente neste depoimento do século XII[65].

O poema de Einarr, como é perceptível no excerto anterior, elencou uma série de intervenções miraculosas olafianas. Para além da dimensão plenamente pia, o versejador resgatou a imagem guerreira do monarca ao aclamá-lo como *ríðari stríðum*, i.e., "cavaleiro de Deus". Este epíteto foi repetido em dez ocasiões no poema, e o autor foi hábil suficiente para repeti-lo de três em três estrofes[66]. Sua primeira menção ocorre da seguinte maneira: "Que o cavaleiro de Deus possa aliviar as aflições dos homens: o bravo Ólafr obtém tudo que deseja do rei do Sol"[67].

Pelo depoimento é possível sentir os efeitos das três primeiras Cruzadas (1095, 1107-1110 e 1147-1149) nas palavras do versejador islandês. Morto em defesa da fé com a espada nas mãos, o rei norueguês foi transfigurado num *miles Christi*[68]. Seu respaldo era tamanho que todos seus pedidos eram concedidos pelo Pai.

---

64 Veitk, at Vinðr fyr skauti (verðr bragr af því) skerði gjalfrs Niðbranda grundar (greiddr) sárliga meiddu, ok endr frá trú týndir tírar sterks ór kverkum auðskýfanda óðar ôr grimmliga skôru.
Sótti skrín et skreytta skíðrennandi síðan (orð finnask mér) unnar Óláfs dreka bóli; ok þeim, es vel vakði (veitk sǫnn) hugins teiti, máls fekk hilmir heilsu heilagr (á því deili)(EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 40-41).

65 BIRRO, R. M. Óláfr: a biografia sagrada do rex perpetuus Norvegiæ *In*: Id. *Rex Perpetuus Norvegiæ*: a sacralidade régia na monarquia norueguesa e a santificação de Óláfr Haraldsson (c.995-1030) à luz da literatura nórdica latina e vernacular. Dissertação. Niterói: PPGH/UFF, 2013, p. 106-160.

66 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 18, 21, 24, 27, 30, 33, 36, 39, 42, 45.

67 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 18.

68 A noção cruzadística norueguesa alcançou um grau tão elevado na segunda metade do século XII que os *skrælings* (esquimós) e a colonização da Groenlândia foram descritos em várias fontes com tons de guerra contra os infiéis pela defesa do cristianismo. Sigurðr, *o cruzado* (1090-1130) foi inclusive o primeiro rei a lutar na terra santa (c.1107). Na supracitada ilha foram cobrados impostos para a Cruzada e os habitantes desta região remota tinham conhecimento do conflito que ocorria no Oriente Próximo. Como afirmou Janus Møller Jensen, "Não há razão para assumir que o encontro cultural com os pagãos

Ao prosseguir com o poema, Einarr descreveu um milagre que ocorreu durante o reinado do sucessor de Ólafr, Magnús. O santo rei apareceu ao seu filho em sonho para que ele completasse a tarefa que empreendeu em vida: a luta contra o paganismo. Ciente de sua tarefa, "o sisudo rei [Magnús] lutou contra o povo pagão de Hlyrskógsheiðr; o lobo teve abundância de boa comida"[69].

A batalha em questão ocorreu na atual Lyrskovshede (Sul da Jutlândia, Dinamarca) contra os *wends* em 28 de Setembro de 1043, pouco depois da união das duas coroas após um acordo entre os reis Magnús Haraldsson e Harthacnut da Dinamarca: o primeiro que morresse unificaria as duas coroas[70].

Os santos príncipes escandinavos, embora fossem capazes de realizar milagres fora de seus reinos, se "especializavam" no atendimento aos fiéis locais e, na medida do possível, atendiam somente a eles, protegendo o povo e seus reis[71]. A presença do santo em outro território, por sua vez, pode ser interpretada como uma extensão da região que poderia proteger e, por conseqüência, do amparo que o monarca norueguês receberia[72].

A narrativa do *Geisli* prossegue com outro milagre por intermédio de Ólafr, mas desta vez em terras distantes. Conforme Einarr, a espada do rei, que se chamava Hneitir, foi tomada após a *Batalha de Stiklastaðir* por um sueco e levada posteriormente para o "exército dos gregos" (*Girkja liði*)[73].

Durante três noites seguidas a espada se afastou de seu portador sem causa aparente. O imperador João Komnenos II (1087-1143), aclamado como "supremo rei" (*yfirskjǫldungr*, *kenning* do imperador), soube da história e ergueu uma igreja dedicada ao santo norueguês.

---

na Groenlândia ou na América do Norte no mesmo período foi percebido de maneira diferente do resto da Escandinávia, onde as ideias cruzadísticas tinham uma profunda influência" (JENSEN, Janus Møller. Greenland and the Crusades *In*: Id. *Denmark and the Crusades, 1400-1650*. London: Brill, 2007, p. 165).

69 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 28.

70 LARSEN, Karen. *A History of Norway*. Princeton: Princeton University Press, 1950, p. 110.

71 Conforme a *Hákonar saga Hakonársonar* (c.1260), o rei Alexandre II da Escócia (1198-1249), ao tentar ampliar seu território para as Hébridas, teve o seguinte sonho: "Três homens vieram até ele. Ele sonhou que um estava vestido com aparência real: este homem era muito assustador, de face rosada e estatura média. O segundo homem era alto para ele, esbelto e jovem; O mais belo dos homens, e estava vestido como nobre. O terceiro era a maior figura, e o mais assustador de todos. Ele era muito careca na fronte. Ele falou com o rei e perguntou seus motivos para ir às Hébridas. Ele respondeu que, de fato, ele desejava ir para conquistar as ilhas. O homem do sonho respondeu a ele que o rei não deveria ouvir mais ninguém [...] O rei contou seu sonho e, por mais desejoso que estivesse por voltar, não pode fazê-lo. E pouco tempo depois ele foi ferido e morto [...] Os homens das Hébridas dizem que aqueles homens que apareceram ao rei em sonho eram são Ólafr, rei da Noruega, são Magnús, *jarl* das Orkney e são Columba" (Hákonar saga Hakonársonar *In*: *FLATEYJARBÓK*. En samling af norske konge-sagaer med indskudte mindre fortællinger om begivenheder i og udenfor Norge samt annaler. Vol. 3. Edição por Guðbrandur Vigfússon e Carl Rikard Unger. P.T. Malling, 1868, p. 178).

72 BIRRO, *op. cit.*, p. 106-160, nota 66.

73 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 45.

Todavia, as fontes bizantinas indicam que a *Panhagia Varangiotissa* também foi consagrada à bem-aventurada Virgem Maria[74].

Outro motivo para erguer o templo em devoção a Ólafr foi a vitória na *Batalha de Beroia* (atual Stara Zagora, na região central da Bulgária) em 1122. O conflito colocou em rota de colisão o exército de Bizâncio e os pechenegues, que até então viviam de maneira autônoma.

De acordo com o historiador grego Niketas Chroniates (Νικήτας Χωνιάτης, c.1155-1215):

> João engajou os pechenegues em combate durante o amanhecer, e ali aconteceu uma das mais assustadoras e terríveis batalhas já lutadas. Os pechenegues embateram nossas tropas bravamente, fazendo a resistência difícil com suas cargas de cavalaria, descargas de flechas e gritos de guerra. Uma vez que os romanos entraram na batalha, eles foram induzidos a lutar até a morte ou a vitória.
>
> O imperador, escoltado por sua companhia de guardas [varangianos], providenciou toda assistência para suas tropas sitiadas. No grosso da batalha contra os pechenegues [...] frustrado o assalto romano [...] João [...] desbaratou os batalhões pechenegues assim como Moisés contornou as tropas de Amaleque [...] tomando consigo a sua guarda [...] João a enviou como um muro inquebrável ao encontro dos pechenegues [...] O inimigo foi ingloriosamente posto em fuga[75].

A fonte bizantina destacou a participação da guarda imperial, formada pela guarda varangiana, no conflito. Sem a intervenção das forças escandinavas, a vitória seria frustrada. Inicialmente o exército pessoal era usado somente como apoio das forças principais de assalto, mas foram empregadas como elemento principal no momento mais salutar do conflito para desbaratar o acampamento pecheneg.

O depoimento do *Geisli* ofereceu fartos detalhes da *Batalha de Peizínavǫllum*, nome dado talvez em alusão ao povo que enfrentava os cristãos do Oriente. Conforme o poema, os gregos evadiram, pois nos "campos de Pezinavoll [...] os gregos fugiram, onde pessoas caíam aos milhares ante a espada"[76]. A primeira coluna bizantina foi desbaratada pelo adversário, e apenas os varangianos queriam se manter firmes[77].

---

74 BLÖNDAL, Sigfús. Varangians during the period 1081-1204 *In*: Id. *The Varangians of Byzantium*. Cambridge: Cambridge University Press, 1978, p. 148-153

75 NIKETAS CHRONIATES. Nicetae Choniatae Historia, 14.62 – 16.10. Tradução disponível em: IVANOV, Sergey A. & LUBOTSKY, Alexandr. An Alanic Marginal Note and The Exact Date of John II's Battle with the Pechenegs, *Byzantinische Zeitschrift*, Volume 103 (2), 2010, p. 599.

76 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 52.

77 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 53.

Einarr descreveu ainda que "As *casas de Reifnir* [escudos] avermelhavam-se nas rachaduras com as *ondas de ferimentos*: havia ali sessenta homens contra um na *batalha das setas*"[78]. A exposição se adequa ao relato de Niketas quanto à descarga de flechas ("fazendo a resistência difícil com suas [...] descargas de flechas"), além da disposição regimental das tropas por origem e do uso de exércitos contratados regulares pelo império oriental[79].

A quantidade de varegues descrita no indício está bem abaixo da quantidade usual de homens, que variava entre 3.000 e 6.000 soldados. De acordo com o islandês,

> Homens fortes clamaram alto para o brilhante Ólafr, com confiança *no barulho do aço*: a *contenda do destruidor do medo* cresceu. Metade dos quinhentos homens do Norte, aqueles que se preocuparam em alimentar *os falcões do som da espada* foram para casa com vantajosas honras[80].

Mesmo longe de seu território, Ólafr guardava seus devotos noruegueses. A narrativa desnudou o contexto liminar do passado no âmbito das *Cruzadas*: afastados da Noruega, estrangeiros numa espécie de peregrinação contra infieis, estes guerreiros foram à liça apesar da quantidade inferior de homens. No momento derradeiro, clamaram pelo padroeiro de seu reino natal e foram prontamente atendidos. Além da glória da vitória obtida, eles foram reintegrados ao mundo, pois estiveram nos liames desta vida e da outra.

Ao solicitar a ajuda do santo, os soldados foram revigorados, uma vez que estavam cansados e assustados com o frenesi do adversário. A intervenção foi providencial ao sucesso da incursão. Apesar das mortes, a vitória só pôde ser alcançada por intermédio santoral, dada à disparidade grotesca entre as forças beligerantes. O óbito da metade dos corajosos foi remediado no verso seguinte, "onde os lobos encontraram *o cadáver rasgado pela arma*: o nobre rei salvou homens"[81].

---

78 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 54.

79 Os imperadores Comnenos fizeram da tropa varangiana sua principal força de ataque e defesa. A utilização de exércitos contratados foi uma política usual no Oriente, que empregava tropas turcas, varegues, macedônias, francas, inglesas, nórdicas, entre outras. É preciso ressaltar que eles não eram mercenários comuns, mas soldados de outras origens contratados e treinados para servir o Império do Oriente. A disposição de tropas conformes suas origens era uma medida para controlar os conflitos entre soldados de origens diversas e estabelecer unidades de batalha bem definidas (BIRKENMEIER, John W. Supporting the Komnenian army *In*: Id. *The development of the Komnenian Army*: 1081-1180. London: Brill, 2002, p. 159-163).

80 Os historiadores militares tem se debruçado sobre o relato e questionado a veracidade dos números prestados. A meu ver, o poeta foi claro ao descrever que nem todos tomaram parte do combate: somente os corajosos, ou seja, os quinhentos, pelejaram contra o inimigo (BIRKENMEIER, John W. Supporting the Komnenian army *In*: Id. *The development of the Komnenian Army*: 1081-1180. London: Brill, 2002, p. 159-163; D'AMATO, Raffaelle. Organization *In*: Id. *The Varangian Guard, 988-1453*. Westminster: Osprey, 2010, p. 14-15; IVANOV, Sergey A. & LUBOTSKY, Alexandr. An Alanic Marginal Note and The Exact Date of John II's Battle with the Pechenegs, *Byzantinische Zeitschrift*, Volume 103 (2), 2010, p. 595-612).

81 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 56.

Outrossim, é preciso retomar a tradição do santo quanto às questões levantadas. O *Leofric Collectar* (c.1050-1060), também doado pelo bispo Leofric e provavelmente composto em Winchester, é o mais antigo ofício divino em homenagem a São Ólafr. Como o nome indica, o *Collectar* reúne uma série de preces usadas para os ofícios e, como era o costume nos textos antigos, oferta orações para todas as horas.

Assim, conforme a *Primeira Véspera* do *Leofric Collectar*, "Abençoado é o homem [...] que está cercado com o muro da Salvação, armado com o escudo e a espada da fé, por conquistar o povo e todos os inimigos"[82].

Cerca de um século depois, Einarr rememorou a questão ao descrever Ólafr, mas de outra forma: "O bravo que *avermelha a boca de Huginn* realizou muitos feitos em batalha. É verdade que o rei fez expiação a Deus somente por seus erros"[83]. Em parte, o poeta tentava justificar as atitudes terrenas do rei: à primeira vista, a vida de Ólafr não parecia cristã. Todavia, ele vivia de forma santa, condição conhecida somente por Deus, numa comunhão mística na conformidade espiritual de Cristo[84].

Além disso, homens da Igreja como Einarr viam nestas ações os planos de Deus num momento de tormenta espiritual. A iminência do Apocalipse e a necessidade de confrontar os pagãos exigiam medidas excepcionais que estavam em conformidade com os planos divinos[85]. Assim, Ólafr era obediente a Deus e cumpria a vontade do Criador ao empreender o embate com os infiéis e a conversão forçada.

A *Leofric Collectar* aludiu ainda à negação das riquezas pelo santo rei. De acordo com o texto, "abençoado é o homem [...] que não deixa o caminho correto pela glória do ouro ou entrega sua esperança aos tesouros da riqueza"[86]. O versejador da centúria seguinte retomou a medida, pois mencionou Ólafr como um doador de ouro (*stridandi oatrs hins dockua lyngs hrockuiseids*)[87]. Portanto, o que ele recebia era distribuído entre os seus.

---

82 *Leofric Collectar*, HBS v45. Disponível em http://hlub.dyndns.org Acesso em 18 jan 12.

83 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 13.

84 CHASE, Martin. Introduction *In*: Id. *Einarr Skúlason's Geisli*: a critical edition. Toronto: Toronto University Press, 2005, p. 29.

85 O início da *Passio et Miracula beati Olaui* (c.1170), ao mencionar o paganismo inicial entre os noruegueses, afirma que "vivendo próximo ao Norte, no mesmo Norte de onde vem todo mal sobre a face da terra, que os possuiu completamente mais internamente e fortemente no gelo da descrença". No entanto, o redator pouco depois retomou as palavras de Isaías para justificar o papel santoral de Óláfr: "Hei de subir até o céu, acima das estrelas de Deus colocarei o meu trono, estabelecer-me-ei na montanha da Assembléia, nos confins do Norte" (CCCC Ms. 209, fol. 57r-57v; Is 14,13). Deste modo, o padroeiro da Noruega era fundamental no papel da Cristandade nos últimos tempos ao combater o mal "pela raiz".

86 *Leofric Collectar*, HBS v45. Disponível em http://hlub.dyndns.org Acesso em 18 jan 12.

87 EINARR SKÚLASON. *Geisli*, est. 16. O *kenning* em questão apresenta inúmeros significados e, entre eles, "dispensador de ouro" é o mais evidente.

A presença da espada no Oriente, por sua vez, alude a uma relação entre o doador e o recebedor, numa clássica reciprocidade do tipo significado/significante. A espada era um presente "útil" como ferramenta, diferente dos anéis, por exemplo. Seu significado simbólico porta um grau de ambivalência: ela conclama a paz e justiça, mas também pode evocar conflitos e a morte[88].

Todos os significados supracitados estão relacionados à *Cruzada* e, concomitantemente, aos costumes nórdicos. Vale relembrar que a tradição germano-escandinava aponta a espada como símbolo na legitimidade de um empreendimento[89]. Este recurso foi usado pouco tempo depois por Sverre para reclamar o trono norueguês[90].

Sendo assim, presença da espada no Oriente e a defesa da guarda varangiana legitimam o conflito e fazem jus às intenções de Ólafr, ou seja, da *Cruzada* empreendida por João II contra os infiéis. A vinculação dos dois movimentos cruzadísticos foi fortalecida com as bênçãos do padroeiro da Noruega, que protegia explicitamente aqueles que cingiam a cruz em defesa da fé cristã, feito que o santo também empreendeu em vida.

***

A riqueza dos depoimentos, infelizmente expostos de maneira sucinta neste artigo, demonstra uma intensa e extemporânea participação escandinava em peregrinações de longa distância e nas *Cruzadas*, que perpassou o Continente e atingiu a Ásia Menor e a Terra Santa.

Inicialmente os cristãos das áreas setentrionais eram vistos com ressalvas pelos seus irmãos da fé das regiões meridionais, quer pela interpretação bíblica rigorosa, pela hibridização religiosa e rusticidade dos dogmas seguidos ou ainda por eventuais disputas e rivalidades entre reinos.

Desse modo, a unidade teórica da *Cristandade* apregoada pela Igreja era matizada pela prática, vide a hierarquização entre os "verdadeiros cristãos" continentais e seus "primos pobres" nortenhos. Em suma, na mente dos primeiros, os segundos estavam mais próximos dos pagãos e infiéis.

---

88 POOLE, Russell. Claiming Kin Scaldic-Style *In*: HARBUS, Antonina & POOLE, Russell (eds.). *Verbal Encounters*: Anglo-Saxon and Old Norse Studies for Roberta Frank. Toronto: Toronto University Press, 2005, p. 278-280.

89 ANTONSSON, Háki. The popular context *In*: Id. *St. Magnús of Orkney*: a Scandinavian martyr-cult in context. London: Brill, 2007, p. 212-220; BIRRO, R. M. Os Sonhos no Norðvegr: do período pagão aos santos cristãos (sécs. X-XII) *In*: COSTA, Ricardo (org.). *Os sonhos na História*. San Vicente del Raspeig: IVITRA/Universitat d'Alicant, 2013, p. 35-52 (no prelo).

90 *Sverris saga*, 5; BIRRO, *op. cit.*, p. 35-52, nota 90.

Entrementes, os cristãos da Escandinávia em peregrinação ou no âmbito das *Cruzadas*, independente do grau de instrução religiosa, eram submetidos constantemente ao processo liminar, quer pela própria essência dos fenômenos que participavam, quer pelo contato com os cristãos ocidentais, que "exigiam" provas ou testes para averiguar seu comprometimento espiritual.

Ao retomar Winroth, é possível sim presumir que alguns indivíduos foram convertidos pela conveniência política, embora seja um argumento hipotético baseado em evidências de difícil comprovação. Por outro lado, a quantidade de depoimentos e o envolvimento massivo no movimento peregrinacional e cruzadístico sugerem uma "devoção genuína" por parte da Cristandade nórdica, uma vez que os prejuízos políticos e financeiros eram consideráveis.

Neste ínterim, o envolvimento de santos locais em conflitos entre arquidioceses, dioceses e monarquias era igualmente comum no Continente e demonstra certo amadurecimento intelectual do clero e da nobreza dos reinos escandinavos. Seria difícil acreditar que um contexto social sem certo grau de compreensão dos dogmas cristãos pudesse usufruir desses mecanismos com sucesso.

Ademais, a ênfase no abandono das riquezas, presente não só na *Leofric Collectar*, mas também em sermões do final do século XI e início do século XII[91], provavelmente ampliou a capacidade de abstração religiosa e absorção dos dogmas cristãos na Escandinávia ao menos em certas parcelas da sociedade.

É provável que os princípios básicos destas leituras rebuscadas tenham singrado a sociedade escandinava de maneira geral. Os milagres da espada de Óláfr na Terra Santa e da intervenção na batalha da guarda varangiana contra os pechenegues demonstram ao menos um esforço de integração e de valorização do principal santo escandinavo à Cristandade. Em termos identitários, os noruegueses já se consideravam como parte integrante da comunidade dos cristãos em oposição aos pagãos e infiéis.

Este argumento foi reforçado ainda pelo ambíguo papel religioso da Noruega de Óláfr para o conjunto cristão: ele era o santo do reino onde Deus assentaria seu trono e de onde o mal fluía das entranhas do inferno para o mundo. O território norueguês, assim, era o principal palco de combate espiritual na terra, que merecia total atenção e respeito pelos seguidores de Cristo.

A meu ver, tal leitura poderia ser uma tentativa de matizar o desprestígio da Igreja e dos fieis do Norte junto aos irmãos continentais. A fronteira com a origem do mal incluiria e

91 *Gammal Norsk Homiliebok*, p. 94.

aumentaria o valor dos noruegueses junto à Cristandade. Outrossim, era uma tentativa de alterar as noções de centro e periferia, pois visava à aproximação do reino norueguês dos cristãos "tradicionais" do Sul, compelindo a desconfiança para os povos ainda mais ao Norte ou ao Sudeste, como os *finns*, *skrælings* e *wends*.

Como conseqüência, os processos de liminaridade passaram cada vez mais a integrar experiências introspectivas, como nos casos das releituras da vida, paixão e milagres de santo Óláfr ou na narrativa sobre são Rögnvald. Esta diferença é um marco das prioridades religiosas no âmbito das *Cruzadas* e na ênfase religiosa da Escandinávia naquele tempo.